

SÍNODO DA FAMÍLIA

Papa Francisco abriu portas que “dificilmente se voltarão a fechar”

Bispos impuseram marcha atrás no acolhimento dos *gays* e no acesso à comunhão dos divorciados. O conservador Raymond Burke foi afastado do Supremo Tribunal Canônico. As tensões na Igreja continuam

Natália Faria

Do acesso à comunhão por parte dos católicos divorciados e recasados ao acolhimento dos casais homossexuais: o Sínodo dos Bispos sobre a Família abriu portas na Igreja Católica que “muito dificilmente se voltarão a fechar”, segundo os especialistas ouvidos pelo PÚBLICO. No documento final votado este sábado, o *relatio synodi*, apenas três pontos não conseguiram os dois terços dos votos (123) necessários para serem aprovados. A questão é que eram precisamente os pontos que mais directamente preconizavam o acesso à comunhão por parte dos divorciados e recasados e ao acolhimento dos homossexuais.

O parágrafo em que se defendia a possibilidade de os divorciados e recasados acederem à comunhão depois de percorrido “um caminho penitencial” foi o que registou mais votos contra: 74. Por isso foi rejeitado. Como rejeitada foi também a proposta de acolhimento, “com respeito e delicadeza”, dos homossexuais. No seu discurso, Francisco disse que teria ficado “preocupado e triste” se as questões lançadas sobre a mesa não tivessem sido discutidas abertamente e tivessem ficado reféns de “um acordo taciturno e de uma falsa paz”.

Tal esteve longe de acontecer. Depois da divulgação do relatório inicial, que reconhecia que os homossexuais têm “dons e qualidades a oferecer à comunidade cristã”, o sector mais conservador da Igreja (em que se incluem pesos-pesados como o cardeal alemão Gerhard Müller, prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, mas também o cardeal norte-americano Raymond



A palavra final sobre mudanças na doutrina da igreja caberá ao Papa e não deverá chegar antes da exortação pós-sinodal em 2016

Burke) apressou-se a criticar o teor do documento. Houve troca de acusações e farpas dirigidas ao Papa, de uma forma até agora inédita na Igreja Católica.

Curiosamente, confirmou-se ontem a notícia de que Raymond Burke foi afastado da presidência do Supremo Tribunal Católico, o que foi lido como um sinal de que o Papa está a escolher “ministros” mais predispostos à mudança na doutrina oficial da Igreja.

Seja como for, o relatório que foi votado ontem será apenas uma ba-

se para os trabalhos que se prolongarão pelos próximos 12 meses, até os bispos se voltarem a reunir, na assembleia ordinária marcada para 4 a 25 de Outubro de 2015. E a palavra final caberá sempre ao Papa, do qual se espera a publicação de uma exortação pós-sinodal em princípios de 2016. Mas, independentemente das mudanças que vierem ou não a ser determinadas na forma como a Igreja acolhe divorciados, recasados e homossexuais, o Papa Francisco “abriu portas que vai ser muito difícil voltar a fechar”,

segundo a teóloga Teresa Toldy.

Dizendo que nunca esperou “milagres saídos deste sínodo”, Toldy considera que as mudanças já começaram. Desde logo pelo tom adoptado pelo sínodo, “que não se limitava a repetir perspectivas dogmáticas mas que manifestava a existência de várias tendências”. “O facto de termos ouvido um cardeal tão importante como o de Viena a dizer que ele próprio é filho de divorciados é um indício de que se começa a ouvir vozes que estavam caladas há mais de 30 anos”, aponta Toldy.

As próprias divergências que marcaram uma semana de conferências de imprensa a partir do Vaticano (houve mesmo quem, como o cardeal guineense Robert Sarah, dissesse que o sínodo foi tomado por uma “nova ideologia do mal”) trouxeram para a praça pública “um pluralismo” que Teresa Toldy qualifica como indício de que o Papa saiu vitorioso do braço-de-ferro com os sectores mais conservadores. “Há pessoas para quem o reconhecimento da existência de várias tendências é um drama e um embaraço, mas →

ALESSANDRO BIANCHI/REUTERS

SÍNODO DA FAMÍLIA

este Papa tem o pluralismo como uma coisa saudável”.

Quanto aos passos seguintes, a incógnita é maior. “Pode acontecer que conferências episcopais que são muito reaccionárias travem isto”. Neste quadro, em que “haverá já no Vaticano quem tenha a esperança de que este Papa não chegue a 2016”, Francisco enfrenta meses de difícil equilíbrio. “Ele está na posição difícil de puxar para a frente mas de não querer simultaneamente provocar rupturas. Não por uma questão de cobardia, mas porque a misericórdia que ele defende aplica-se a todos, isto é, ele não querará fechar portas a uns por causa de as querer abrir a outros”, antevê a teóloga. Para quem uma coisa é certa: “Se essas portas se voltarem a fechar, a Igreja Católica será responsável pelo abandono de pessoas que hoje em dia se revêem com alguma esperança nesta possibilidade de respirar que o Papa trouxe”.

“Tempo das toupeiras”

Vários analistas equipararam este sínodo a um “tremor de terra” dentro da Igreja. “A vinda deste Papa tem sido um terramoto desde o início”, concorda Joaquim Carreira das Neves. Com 80 anos, o teólogo já viu passar seis Papas pela hierarquia da Igreja. “E nunca vi uma revolução como a que este Papa está a fazer”, diz. Identificando três diferentes correntes no sínodo (a dos que não querem abertura aos homossexuais e à comunhão de recasados, a dos que querem uma abertura a meio termo e a dos que a querem a termo inteiro), o teólogo antevê uma vitória final da corrente que defende a mudança. “O Papa está nesta linha avançada, mais liberta do vírus do passado”, situa.

Quanto às mudanças concretas, Joaquim Carreira das Neves considera ser mais do que tempo de a Igreja deixar de estar refém do dogma da indissolubilidade do casamento. “A frase que nos tem complicado a vida é aquela em que Jesus diz ‘Aquilo que Deus uniu, o homem não pode separar’. Mas esta frase tem que ser redita e posta no seu contexto, que é aquele em que Jesus estava a dizer aos fariseus que entre homem e mulher há dignidade igual. O erro da Igreja foi ter feito daquele axioma final um dogma. E tudo isto tem de ser repensado à luz do sentir moderno”.

Celibatário, Carreira das Neves assume que gostaria de ter sido pai. E assume também que, na sua prática,

“estudados os casos e ponderadas as circunstâncias”, tem dado comunhão a pessoas recasadas. De resto, entre os seus amigos contam-se vários homossexuais. “Pessoalmente, custa-me a linguagem clássica do casamento aplicada aos homossexuais ou às lésbicas, mas eu sou um produto da minha cultura, o que não me impede de ver que há uma dignidade no amor entre pessoas do mesmo sexo”, assume, para, em síntese, concordar com Teresa Toldy: “Acabou-se o tempo das toupeiras, em que andava tudo muito tapado”.

Outlet de mudanças

Num registo mais contido, e também mais cifrado, o porta-voz da Conferência Episcopal Portuguesa (CEP), Manuel Barbosa, sublinha que “acolhimento não significa aprovação, mas que há todo um caminho penitencial que tem de ser feito para um acolhimento pleno”. A “atitude de abertura”, avisa o porta-voz da CEP, “não poderá ser a baixo preço”, assim como se a Igreja se tivesse transformado “numa espécie de outlet”. Dito de outro modo, “há que esperar porque o discernimento ainda não está todo feito”.

Já para o dominicano frei Bento Domingues, que diz sentir vontade de rir sempre que lhe vão falar da doutrina da Igreja e da sua imutabilidade, este sínodo demonstrou que a mudança essencial já foi feita. “Este Papa não quer ser como João Paulo II, que actuava, muito secundado pelo cardeal Ratzinger que depois também foi Papa, no sentido de tornar as proibições irreversíveis e a doutrina irreformável. Pelo contrário, Francisco diz que todas as coisas estão em discussão e que todas as coisas podem ser revistas”, sublinha. “Em relação à família, havia muita coisa enalhada: na ética familiar, na ética sexual, nos métodos anti-

conceptivos. E o que este Papa fez foi acabar com a ideia de que nisto não se toca, é irreformável”. Ao “descongelar” estes tópicos, Francisco granjeou outra vitória: “Consegui chegar ao grande grupo de cristão católicos que não eram praticantes, porque se reconheciam em Jesus Cristo mas não se reconheciam nas práticas da Igreja. Foi um passo de gigante este de dizer ‘esta gente toda está em movimento e também é Igreja e a Igreja também se pode ir modificando porque a Igreja é acolhimento”.

Em sintonia, o padre e professor de Filosofia Anselmo Borges considera que a mediatização deste sínodo responde ao interesse do mundo por estas questões. E é para ele evidente que a enunciação dos princípios da misericórdia e da não-exclusão significa que “os divorciados mais tarde ou mais cedo vão poder aceder à comunhão”. Ao mesmo tempo, irão ser dados passos no sentido da “valorização dos casamentos civis e das uniões estáveis, mesmo que não sejam pela Igreja”, antevê, lembrando que “o núcleo da mensagem de Jesus não incluiu sobre a família”. “A primeira vez que no casamento é obrigatória a presença de um padre é no século IX e isso por motivos fundamentalmente civis. E só no século XII é que se pôs o problema da sacramentalidade do casamento”. Traduzindo, “há mais margem para a compreensão da situação contemporânea do que muitos imaginam”. Considerando que a imagem da família composta por Jesus, Maria e José está longe de constituir a ajuda de que precisam as famílias modernas, Anselmo também vaticina que os homossexuais “poderão não ver reconhecido o casamento, mas não serão excluídos, até em atenção às crianças que vivem em casais compostos por pessoas do mesmo sexo”.



Bispos estiveram divididos na doutrina fundamental da Igreja

Ousadia e liberdade de expressão



Opinião Paulo Terroso

Creio que nunca a designação de Assembleia Extraordinária foi tão apropriada para qualificar o Sínodo dos Bispos sobre a Família. Nisto, estou certo, até os padres sinodais estarão de acordo. Mas o que é que faz deste sínodo um momento extraordinário na vida da Igreja? A possibilidade de todos os participantes falarem claro, sem hesitações e sem medos, “a ousadia da franqueza” tal como o Papa Francisco pediu na abertura dos trabalhos.

Enzo Bianchi, prior da comunidade de Bose e uma das vozes mais lúcidas da Igreja italiana, no domingo passado, num artigo publicado no quotidiano italiano *La Stampa* (12.10.2014, p.1) escrevia: “Depois de 20 meses de pontificado, podemos dizer que se criou um outro clima no tecido eclesial: um clima de liberdade de expressão no qual, com parrésia, cada católico, bispo ou simples fiel, pode deixar falar a sua própria consciência e dizer aquilo que pensa, sem ser logo reduzido ao silêncio, censurado ou até mesmo punido, como acontecia nos últimos decénios”.

Desta vez, um laicado, até agora praticamente afónico, encontrou na voz do Papa, cardeais, bispos, padres e casais, um amplo espaço de debate aberto e livre, onde questões pastorais difíceis tais como a situação dos divorciados recasados e a possibilidade de comungarem, as uniões de facto, as uniões homossexuais, os métodos de regulação de fertilidade e contracepção, além de estarem a ser reflectidos sem tabus, colocaram a Igreja a “interrogar-se sobre si própria e sobre a sua missão”, como afirmou Antonio Spadaro, jesuíta e director da revista *Civiltà Cattolica*, participante no sínodo. De tal modo, e continuo a citar Spadaro, que “o hospital de campanha do qual fala Francisco não é só uma bela

imagem poética, mas um verdadeiro e próprio modelo eclesiológico que conduz a uma compreensão da missão da Igreja e do valor dos sacramentos. Neste sentido, diria que na aula sinodal se respira um clima quase conciliar”.

A *Relatio post disceptationes* – uma síntese de 58 pontos com os principais contributos resultantes das intervenções da primeira semana –, apresentada na segunda-feira, e que tanto furor causou, é a confirmação de que uma mudança de abordagem e linguagem, pelo menos, estão em curso. O que não é pouco. Sim, é verdade que se trata de um documento intermédio, provisório, um resumo dos principais pontos de discussão, e que alguns bispos e cardeais se manifestaram muito críticos em relação ao texto que serviu de base para debate dos “círculos menores” – pequenos grupos de trabalho divididos segundo a língua dos participantes – onde depois de analisado e reflectido foram sugeridas muitas emendas que, a serem tomadas em consideração, reconfiguram substancialmente o documento. Seja como for, esta é a Igreja em “saída” que espelha o programa pastoral do Papa Francisco: “Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças” (*Evangelii Gaudium*, 49).

O tempo está longe de ser fácil para quem revela uma hipersensibilidade doutrinal, já que o Papa Francisco coloca pontos de interrogação onde estavam pontos finais e, como bem sintetizou Eduardo de Paola, neste sínodo “passamos do medo de falar ao temor de calar”.

O sínodo não acabou este domingo. Esta foi apenas a primeira parte de uma grande reflexão a maturar no tempo e que terá o seu termo a 25 de Outubro de 2015. Agora, é tempo dos teólogos e o mínimo que se pode esperar é uma reflexão teológica fiel, livre, ousada e sem medo. O desafio não é pequeno!

Padre a estudar Comunicação Institucional da Igreja em Roma
Twitter: @paulo_terroso